

**FALOU-SE** no artigo de abertura (1) da criação do potro na campina, junto da mãe, desde o nascimento à idade do desmame; e nesse capítulo deram-se as indicações necessárias ao respeitante a pastos, natureza de terrenos onde o animal devia ser criado se se queria utilizá-lo para sela ou tiro, etc. Vamos entrar agora noutro capítulo, de primordial importância: a preparação dos potros.

Depois do que ficou indicado na primeira crónica, importa dar a conhecer os pormenores da preparação dos animais para cavalos de sela, género escolhido de preferência neste estudo simples e quanto possível sintético. Na verdade, o assunto é por demais vasto e não pode tratar-se numa só crónica.

Por isso o dividimos em duas partes: conhecimento de características, desbaste e ensino preliminar para alta escola ou toureio (a desenvolver neste artigo), adaptação a montada e contacto com o redondel e o toiro, na sequência do estudo apresentado.

Antes de mais nada é necessário conhecer as características principais do animal — que se diferenciam enormemente de uns para outros e quasi nunca são comuns na manada — trabalho chamado em geral de *apontes*, que vem a ser a recolha do gado e sua escolha ou diferenciação. Verificadas assim as suas tendências naturais, posto que o «aponte» serve para isso mesmo, e reconhecendo-se a característica do potro para alta escola ou toureio, dá-se então começo aos trabalhos de ensino. A notar que as tendências do cavalo de alta escola ou toureio são em tudo diferentes daquelas que servirá para corridas simples e com obstáculos, assim como o animal de sela apresenta certas características e o de tiro outras.

Cada uma daquelas modalidades — trata-se no presente artigo, lembramos,

# CAVALOS & CAVALEIROS

## II — Preparação do potro para alta escola ou toureio

do ensino para alta escola ou toureio — exige preparação cuidadosa e segundo um sistema único, para o qual nem todo o criador está habilitado. É que o ensino requiere paciência e perseverança — tanto assim que é o mais demorado e leva às vezes dois e três anos, ou mais, primeiro que o animal «dê» quanto se pretende. Um cavalo de alta escola ou de toureio — ou as duas coisas juntas, que será então o ideal... — precisa de preparação cautelosa e o trabalho é, na generalidade, fatigante: tanto para quem ensina como para o próprio animal. São coisas que levam muito tempo e não se fazem com a facilidade que muita gente supõe.

As características do animal para toureio ou alta escola são perfeitamente idênticas. Vejamos quais são as principais: — *concentração*, *mão limpa*, *casco forte*, *neurose* (não em demasia) e bom pé (ou seja: velocidade própria do animal, demonstrada em pequenos galopes na campina, é rapidez no *quartelo*, de igual modo natural e nunca forçado). A «concentração» é uma coisa que nasce no potro e não se lhe ensina; mas a «mão limpa» e o «casco forte» são já produto dos cuidados que se tiveram na época da criação (desde o aleitamento ao desmame) e a consequência directa das qualidades de pastos e natureza dos terrenos onde o animal se criou, pormenores que o lavrador deve sempre ter em atenção e nunca esquecer.

Uma vez verificadas aquelas características, mais ou menos acentuadas, entra-se no capítulo do *desbaste*. Este deve ser feito sempre em recinto redondo — e nunca quadrangular — afim de habitar a vista do animal ao redondel. Quere dizer: é desde potro que o cavalo deve saber o que é uma arena e um toiro, para estar à vontade e conhecer o inimigo, quando se queira animal para toureio. Mas mesmo que seja só para alta escola, também é conveniente habituá-lo ao redondel. Parece um pormenor insignificante, este, mas tem muitíssima importância no futuro de qualquer animal. A seu tempo diremos porquê.

Após o «desbaste» natural e quando o animal esteja bem «enquadrado» nesta sua primeira fase do ensino, então habituá-se ao *estafermo* (a que o vulgo chama, imprópriamente, «boneco») mas que está hoje quasi por completo banido dos picadeiros. Voltemos, porém, um pouco atrás, para uma indicação que não deve esquecer-se: o «desbaste» do potro para alta escola ou toureio deve ser sempre feito com *rendilhão* (rêdea comprida de voltelo ou de pista) visto ser pouco aconselhável, e até prejudicial, que o desbastador empregue no seu trabalho o chicote; deve, ao contrário, utilizar o pingalim de curso longo. E pôsto isto, continuemos onde estávamos: hábito do animal ao «estafermo», que serve não sómente de indicação segura ao picador sobre a crença natural do animal, como ainda para lhe «marcar» as intenções e respectivas reacções, próprias do enervamento do animal ao ver pela primeira vez um aparelho desconhecido.

Convém, neste capítulo, focar uma nota de suma importância e a que não se tem dado o valor que ela realmente encerra. Referimo-nos à colocação do aparelho no animal, de preferência uma *sela portuguesa*, dadas as suas condições mais perfeitas de adaptação e ensino.

A sela deve colocar-se de principio no chão e à frente do animal — para que ele se familiarize com o objecto desconhecido até aí. Reconheça-se a importância deste simples pormenor, sabido que se trata de um potro que vai começar a aprendizagem. E quando se coloque pela primeira vez o aparelho no dorso do animal haja sempre o cuidado de não o fazer de subito — mas sim com extrema cautela e acariciando-o, para não o assustar logo de entrada. Nunca se deve, portanto, pôr a sela de chofre nem «de caras» (quere dizer: de diante para trás), porque isso amedrontaria imediatamente o animal e «encenava-o», prejudicando todo o trabalho, talvez até para o futuro. A sela deverá colocar-se com cautela e usando de todas as precauções e estratégias, sempre da recatadura para a frente, sendo até aconselhável, quando se está a pô-la no animal, entretê-lo com quaisquer guloseimas — pois não pode esquecer-se que um potro não passa de uma criança... sem raciocínio.

Só depois de habituado o animal à sela é que se entra no trabalho do *enclenchamento*. Isso far-se-á mais tarde e do mesmo modo com as precauções usadas antes. Porque — compreende-se perfeitamente — não deve «enclenhar-se» a seguir à primeira colocação do «estafermo» (é preciso criar o hábito do aparelho, primeiramente), logo que a tendência natural e imediata seria a de sacudir a sarga.

## XADREZ

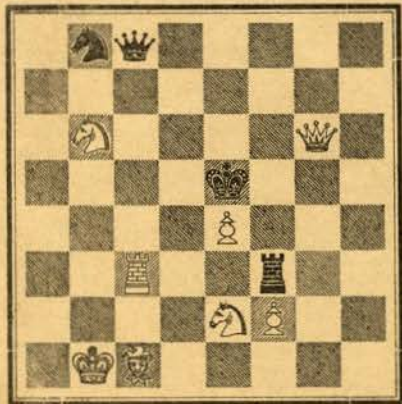
Direcção do Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez».

PROBLEMA N.º 15

MAGYAR SAK, 975

F. FLEK



1.º PRÉMIO

Mate em 2 lances

## NOTAS SOLTAS

A FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE XADREZ tomou resolução de prestar todo o seu apoio às negociações entabuladas com a sua congénere do país vizinho, por iniciativa de Francisco Lapi e das Sociedades de Propaganda de Portugal e da Costa do Sol, com o objectivo de se realizar o ambicionado encontro Portugal-Espanha. Admite-se a viável, em Março próximo, de uma forte equipa espanhola, que derrotará, provavelmente no Casino Estoril, a selecção de xadrezistas nacionais, pelo que se prevê a realização, por todo o ano, de grandes torneios preparatórios e treinos intensíssimos. — O movimento do xadrez desportivo e recreativo em Espanha não pára. Além de importantes concursos de em posição e resolução de Problemas e Finais, têm-se efectuado continuamente notáveis competições, como por exemplo o recente Campeonato Nacional, disputado no Casino de Madrid, e que foi ganho por Medina, e o

«match» extra-oficial Alekine-Rey Ardid, que forneceu o difícil triunfo para o campeão do Mundo, por 2,5 a 1,5 (1 vitória e 3 empates).

— A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, que tão notáveis êxitos tem obtido em diversas modalidades desportivas, fez disputar este ano o seu Campeonato de Xadrez, que decorreu com certa regularidade e entusiasmo prometedor. Helder Sardinha, um «novo», que cedo começou a evidenciar-se, com excelente intuição, classificou-se merecidamente em primeiro lugar. A. Serra, um dos «favoritos», J. Carneiro e J. M. Segura classificaram-se nos postos imediatos.

— Disputou-se o Torneio Principal do Porto, prova patrocinada pela F. P. X., em colaboração com o grupo local. A vitória pertenceu a Leonel Pias, seguido de João Mário Ribeiro, o jovem Mestre português, e de Alexandre Gonçalves. Decididamente, a Abertura revelou-se como a principal arma do vencedor, pois o ascendente que obteve sobre os outros competidores — os melhores nortenhos — atesta bem a esplêndida preparação com que se dotou. Eis como Leonel Pias resolveu o problema desse complexo capítulo de Partida, no seu jogo contra Alexandre Gonçalves:

Brancas: A. Gonçalves. Pretas: L. Pias  
P. D. — Sistema Catalão

1.d4, Cf6; 2.c4,e6; 3.g3, c5; 4.d5, exd; 5.cxd, b6; 6.Bg2, Bb7; 7.Cc3, d6; 8.Cf4, Cd7; 9.0-0, Be7; 10.e4, 0-0; 11.b3, Bb6; 12.Tel, Cg4; 13.Bb2,Ce5; 14.Cxe5,Cxe5; 15.Te5, Bf6! Daqui por diante, as brancas limitam-se a explorar a vantagem posicional recentemente adquirida, chamando a si a decisão favorável da pugna.

## Um caso de arbitragem

(Continuação da pág. anterior)

O lado prático e ridículo do problema, a que alude o nosso correspondente, é muito discutível. Ora se o terceiro homem deve contar até 10 sobre um dissimulador deitado (e não se ridiculariza), por que não o fará sobre outro de pé? E' tudo convencional, não acha?

Livrem-se, porém, os árbitros de outras situações menos fáceis — que destas se soltarão facilmente.

Quanto à manifesta inferioridade e falta de um adversário, são circunstâncias que obrigam o árbitro a decidir acto-contínuo, sem outra qualquer formalidade. O lançamento da esponja, quando não se justifique, está nas condições da desistência sem fundamento.

Julgamos ter satisfeito, um por um, os pontos sobre os quais o sr. Carlos Lopes tinha razões a objectar, e, bem assim, provado que estamos na boa doutrina.

RAFAEL BARRADAS

(\*) Ver n.º 68 e 72 da «Stadium».